

Revista  
Latino-americana de

# Geografia e Gênero

Volume 12, número 1 (2021)

ISSN: 2177-2886

Artigo

## De Gueto a Destino Turístico Urbano: Um Estudo da *Reguliersdwarstraat* (Amsterdam, Holanda) no Contexto LGBTQ+

*Precint en Destinos Turísticos Urbanos:  
Caracterización de la Reguliersdwarstraat  
(Ámsterdam, Países Bajos) en el Contexto LGBTQ+*

*Precinct in Urban Tourist Destinations:  
Characterization of the Reguliersdwarstraat  
(Amsterdam, Netherlands) in the LGBTQ+ Context*

**Christopher Smith Bignardi Neves**

Universidade Federal do Paraná - Brasil

smithbig@hotmail.com

**Marcelo Chemin**

Universidade Federal do Paraná - Brasil

marcelochemin@uol.com.br

**Luis Ernesto Brambatti**

Universidade Federal do Paraná - Brasil

lebramba@gmail.com

Como citar este artigo:

NEVES, Christopher Smith Bignardi; CHEMIN Marcelo; BRAMBATTI, Luis Ernesto. De Gueto a Destino Turístico Urbano: Um Estudo da *Reguliersdwarstraat* (Amsterdam, Holanda) no Contexto LGBTQ+. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 12, n. 1, p. 72 - 96, 2021. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

# De Gueto a Destino Turístico Urbano: Um Estudo da *Reguliersdwarstraat* (Amsterdã, Holanda) no Contexto LGBTQ+

*Precint en Destinos Turísticos Urbanos: Caracterización de la Reguliersdwarstraat (Ámsterdam, Países Bajos) en el Contexto LGBTQ+*

*Precinct in Urban Tourist Destinations: Characterization of the Reguliersdwarstraat (Amsterdam, Netherlands) in the LGBTQ+ Context*

## Resumo

O texto apresenta uma interpretação espacial e funcional da tradicional e excêntrica *Reguliersdwarstraat* como reduto turístico direcionados para o público LGBTQ+. O conceito de Área Funcional Turística (*Precinct*) e a clássica teoria da expansão dos equipamentos turísticos de Miossec (1977), conferiram o principal suporte teórico ao estudo, que contou com trabalho de campo, operacionalizado pela metodologia da observação participante. O artigo além de discutir o Turismo Urbano, apresenta uma caracterização do ambiente em que prevalece uma perspectiva histórica da configuração da *Reguliersdwarstraat*, chegando ao panorama atual. Pode-se concluir que a área se desenvolveu integrada à dinâmica da cidade, superando uma condição histórica de gueto, sendo mais recentemente impulsionada pelo público frequentador, o que favoreceu a consolidação de Amsterdã como um Destino Turístico Urbano Cosmopolita para o público LGBTQ+.

Palavras-Chave: Turismo Urbano; Turismo LGBTQ+; Área Funcional Turística; Amsterdã; *Reguliersdwarstraat*.

## Resumen

El texto presenta una interpretación espacial y funcional de la tradicional y excéntrica *Reguliersdwarstraat*, como bastión turístico dirigido al público LGBTQ+. El concepto de Área Funcional Turística (*Precinct*) y la teoría clásica de la expansión y evolución de los espacios turísticos de Miossec (1977), dieron el principal sustento teórico al estudio que incluyó un trabajo de campo elaborado a través de la metodología de observación participante. Además de discutir acerca del Turismo Urbano, el artículo también muestra una caracterización del entorno en el que prevalece una perspectiva histórica de la configuración de *Reguliersdwarstraat*, hasta el panorama actual. Se puede concluir que dicha zona se ha desarrollado integrada a la dinámica de la ciudad, superando una condición histórica de ghetto, siendo más recientemente impulsada por el público, lo que terminó favoreciendo a Amsterdã en su consolidación como Destino Turístico Urbano Cosmopolita para el público LGBTQ+.

Palabras-Clave: Turismo Urbano; Turismo LGBTQ+; Área funcional turística; Amsterdã; *Reguliersdwarstraat*.

## Abstract

This article presents a spatial and functional interpretation of the traditional and eccentric *Reguliersdwarstraat* as a tourist stronghold aimed towards the LGBTQ+ community. The concept of the Tourist Functional Area (*Precinct*) and the classic theory of expansion of tourist equipment in Miossec (1977), provided the main theoretical support of the study which included field work, operationalized by the methodology of participant observation. In

Christopher Smith Bignardi Neves, Marcelo Chemin, Luis Ernesto Brambatti

addition to discussing Urban Tourism, this article presents a characterization of the environment in which a historical perspective of the configuration of the Reguliersdwarstraat prevails, reaching the current panorama. The data gathered led to the conclusion that the area has integrated into the dynamics of the city, overcoming its historical condition as a ghetto, and being more recently driven by the public which favored the consolidation of Amsterdam as a Cosmopolitan Urban Tourist Destination for the LGBTQ+ community.

Keywords: Urban Tourism; LGBTQ+ Tourism; Tourist Functional Area; Amsterdam, Amsterdam; Reguliersdwarstraat.

### **Introdução**

Uma breve análise sobre a oferta turística direcionada ao público LGBTQ+, como no caso da plataforma global *Misterb&b*, reforça uma importante evidência de que este segmento, seus redutos e dinâmicas estão predominantemente concentrados em grandes cidades, estudos de Ackroyd (2018) e Hughes (2006) corroboram tal perspectiva evidenciando a prática do consumo de destinos turísticos pelo público LGBT. Ao analisar turistas LGBTs brasileiros Neves e Brambatti (2019) descobriram que entre os destinos nacionais almejados pelo público estão Rio de Janeiro e São Paulo, e, no exterior New York, Miami e Tel Aviv. Acrescenta-se a este fato o material produzido pela Organização Mundial do Turismo (UNWTO, 2017) que traz um rol de destinos urbanos indicados ao segmento LGBTQ+.

Entretenimento noturno, patrimônio histórico-cultural, serviços de qualidade na gastronomia e hotelaria são elementos que atraem este segmento e projetam cidades mundo afora na condição de destinos turísticos urbanos, pesquisas conduzidas pelo *Community Marketing & Insights* (2018) em parceria com a *International Gay and Lesbian Travel Association* (IGLTA) aponta que o interesse turístico em atividades urbanas entre as lésbicas é de 60%, enquanto que para gays o interesse apresenta leve acréscimo, registrando 72%.

Segundo Youell (2002, p. 52) “a própria destinação e sua imagem são o que, em geral, originalmente atraem os turistas” e, desta forma, funcionam como atrativos principais para o turismo. Amsterdam (Holanda) é reconhecida por diversas imagens e estereótipos, ligados a lugares e práticas: consumo da *cannabis*, o *Red Light District* (Distrito da Luz Vermelha), as pontes e canais, a arquitetura, museus e outros. No caso do segmento LGBTQ+ Amsterdam é propagada como locus de liberdade, vida noturna, festas e a tradicional Parada Gay em barcos (*Canal Parade*).

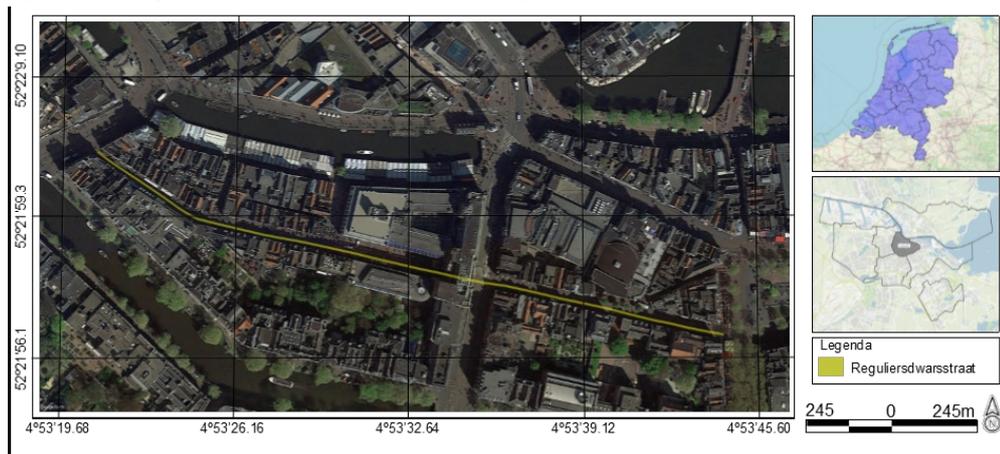
A capital holandesa mostra-se no contexto contemporâneo como um importante território do turismo urbano para o segmento LGBTQ+. Como frisado por Camargo (2019, p. 02) o “turismo e hospitalidade por sua vez enfrentam o problema do momento, o do overturismo, da superlotação de locais de interesse dos turistas”, Becker (2013) aponta que medidas recentes de contenção ao overturismo vem sendo adotadas, estudos conduzidos por Lalicic (2019) e Koens, Postma e Papp (2018) evidenciam os impactos ocasionados pela grande quantidade de turistas na cidade de Amsterdam.

Trata-se de um quadro em que a cidade é um destino promissor à compreensão do fenômeno do turismo e suas implicações urbanas e sociais. Neste sentido, esta investigação sistematizou dados para caracterizar uma rua

## De Gueto a Destino Turístico Urbano: Um Estudo da *Reguliersdwarstraat* (Amsterdã, Holanda) no Contexto LGBTQ+

de Amsterdã, a *Reguliersdwarstraat*, como uma *precinct* – área funcional turística urbana. Conforme demonstra a Figura 1 trata-se de uma rua de reduzida extensão, 465 metros lineares, localizada no bairro central, denominado Amsterdã-Centrum. A rua localiza-se ao meio de uma quadra entre os canais *Herengracht* (ao sul) e o canal *Singel* e Rio *Amstel* (ao norte). Possui como pontos terminais a rua *Koningsplein* (ao leste) e a *Rembrandtplein* (ao oeste), tendo um cruzamento com a rua *Vijzelstraat*. O acesso à rua normalmente é efetivado com o uso de carros, ônibus, bonde, bicicleta ou a pé.

Figura 1: A *Reguliersdwarstraat* em relação ao país e cidade de Amsterdã



Fonte: Os autores (2020) a partir do *Google Earth* (2020).

O estudo demonstra um processo socioespacial de conversão da rua, que outrora caracterizava-se com um local marginalizado, em uma *precinct*. As transformações registradas sugerem uma combinação de fatores que envolve funções, práticas, significados e mais recentemente indicações visuais do comércio, onde há exposição de bandeiras, adesivos e iluminação noturnas nas cores do arco-íris, que projetam uma paisagem especializada, dirigida ao segmento LGBTQ+.

Em termos conceituais MacRae (1983) definiu o *gueto gay* como micro espaços de encontro entre pessoas de uma sexualidade desviante, com locais de entretenimento, como casas noturnas, bares, saunas, praças e/ou locais escuros. Também interpretava a sexualidade como um constituidor de comunidade, que carrega em si significados de pertencimento, configuração social, e neste caso, com demarcação do espaço.

MacRae defendia a existência desses guetos, pois acreditava que estes espaços de autoafirmação da homossexualidade podem em algum momento quebrar as barreiras heteronormativas impostas, expondo-se à sociedade. Perlongher (1987) escreveu que o gueto é caracterizado pela ocupação de um determinado espaço, por um grupo que auto identifica-se, no caso LGBTQ+, e constituem-se institucionalmente, tendo isolamento do restante da sociedade, com ocorrência de residência por parte dos frequentadores.

Como será demonstrado, a rua *Reguliersdwarstraat* transcendeu esta barreira e deixou de ser um gueto, possui relações integradas com camadas sociais mais amplas, é frequentada por pessoas que não pertencem ao grupo LGBTQ+. A rua desvincula-se do conceito de gueto e exibe-se como uma área gay de potencial valor turístico para a cidade.

### Destino Turístico

Destino turístico não é meramente o local final de uma viagem. É mais do que um reduto físico destinado para a prática do turismo, vai além da existência de serviços e atrativos, da união de pessoas e lugares. Compreender o conceito de destino turístico é imperativo como forma de demonstrar uma concepção do espaço na abordagem científica ou de intervenção. Algumas vezes o entendimento do destino turístico mostra-se restrito aos elementos materiais das localidades visitadas, reduzindo o caráter socioespacial.

Pearce (2014, p. 149) conceitua o destino turístico, geograficamente, como “um modo de produção dinâmico que fornece produtos interdependentes e complementares para turistas e transforma os espaços e lugares em que esta produção ocorre” (tradução nossa). Para Domareski-Ruiz (2015, p. 25) “o destino turístico, como espaço vivido apresenta-se, portanto, como o território onde o turismo se realiza e onde há a ocorrência de interações e inter-relações temporárias entre o anfitrião e o turista”.

Essas relações que se estabelecem nos destinos turísticos, são e outrora foram analisadas por Pearce (2016, 2014), Nguyen e Pearce (2015), Longjit e Pearce (2013), Pearce *et al.* (2016) atribuindo o conceito de *destination marketing organization* (DMO), onde apresenta que as inter-relações se complementam e se apoiam nos destinos, a partir disso uma quantidade significativa de estudos desenvolvidos pelo autor visa analisar diversos destinos turísticos no Chile, Nova Zelândia, Tailândia e Vietnam.

O turismo não é mero utilizador de um local para contemplação, mas sim um meio de interação social e simbólica e oportunidade de convívio entre os residentes e os turistas. Nesta perspectiva, são fundamentais os equipamentos urbanos, instituições culturais, entretenimento, assim como “bares e restaurantes, lojas de suvenires, presentes, livros, roupas de férias, artesanato e doces típicos” (KELLY, 2011, p. 51).

Em estudo clássico, e perspectiva mais ampla pois expressa interação e apropriação territorial num horizonte cronológico, Miossec (1977) considerou que a expansão de um destino turístico apresenta diferentes fases. Inicia de modo tímido a partir da instalação e um equipamento que passa a operar e ser pouco notado pela população da localidade. Ela apenas assiste com curiosidade e indiferença este movimento, pois a função turística no espaço é extremamente baixa e não estimula equipamentos notáveis ou significativos. No caso dos turistas, há apenas uma percepção resumida do espaço. A expansão ocorre na medida em que o empreendimento se mostra viável, então há uma multiplicação dos empreendimentos, o volume de turistas aumenta e ocorre um reconhecimento por parte dos turistas daquele espaço. A fase seguinte é identificada por Miossec (1977) como de especialização, onde cada ambiente se organiza numa fase chamada de segregação da clientela nos equipamentos. É quando o turismo amplia os níveis de apropriação do território. Surgem crises com a população local residente. O que atrai não é mais o espaço natural, mas os mitos criados em torno deste território, que expressa um novo dinamismo assentando em especialização e segregação.

Um dos grandes mitos representados pelo estilo de vida gay reside no fato de que, tanto gays quanto lésbicas, mantêm um comportamento de encontros

de sexo casual, como afirmam Hall e Ryan (2001), o que justificaria a multiplicação de espaços em que estes encontros fossem possíveis na cidade.

A teoria de Victor Turner (1974) dos espaços liminares serve também para explicar que o turismo LGBTQ+ inicia nos guetos, que operam inicialmente como micro-destinos, como uma espécie de “limbo social de ausência de status”, até encontrar o reconhecimento de outros grupos e categorias sociais, num ciclo de desenvolvimento da própria “comunitas”. (TURNER, 1974, p. 120)

A Escola de Chicago, que elaborou os primeiros estudos sociológicos sobre os centros urbanos, agregando conceitos teóricos e pesquisas de campo, compreenderia a história da *Reguliersdwarstraat* como derivada de um gueto.

Segundo Coulon (1995, p. 56) a presença de estrangeiros em uma comunidade os coloca inicialmente à margem do contexto social. Não apreende seus mecanismos íntimos e permanece exterior ao convívio. Na cidade moderna, tal como afirmou Simmel (1908), cada um torna-se estrangeiro no interior da própria sociedade. Neste contexto, quem está a margem, no gueto, é o grupo minoritário, cuja tendência é integrar-se ao grupo majoritário. Quando integra-se ao convívio social, adquire, segundo Park (1928) o status de “emancipado”.

Gomes, Gândara e Ivars-Baidal (2017, p. 508) buscam utilizar diversas lentes teóricas acerca dos conceitos de destinos turísticos, acompanhando a mudança dos conceitos ao longo do tempo, vez que a prática do turismo também se altera no tempo. Após reflexões de conceitos existentes e amplamente divulgados no meio acadêmico os autores elaboram uma definição que propõe abranger de forma mais complexa o que seria o destino turístico:

pode-se dizer que o destino turístico é uma localidade onde relações de produção/consumo ocorrem, considerando que os atores interagem com as facilidades (infraestrutura e atrativos) em um dado espaço físico e virtual, criando um lugar composto por três fases: antes da viagem (virtual), durante (consumo) e pós-viagem, materializando um destino turístico que varia de acordo com quem o produz e o consome em um dado espaço de tempo.

O destino turístico figura segundo Buhalis (2000), como um amálgama de atributos de características sociais, econômicas, geográficas e psicológicas. O destino turístico concentra uma gama de ações e funções de e para o turista, sem descartar o residente, que também usufrui do local.

### **Destinos Turísticos Urbanos**

Castrogiovanni (2001, p. 7) apresentou um panorama teórico sobre o cenário global no qual uma nova geografia turística surgia da competição com os produtos tradicionais. Entende-se que “as cidades são espaços privilegiados quanto à concentração de atrações, serviços, simbolismos e produções culturais”. Castrogiovanni (2001) interpretou a cidade como o palco para o turismo de negócio, cultural e recreativo, caracteriza-se como um destino de turismo urbano, de forma que possibilita ganhos socioeconômicos a partir desta atividade, usufruindo de suas potencialidades singulares.

Wainberg (2001) analisou o turismo urbano como uma maneira necessária para se perceber a realidade das provocações, os enigmas existentes e seu

potencial terapêutico.

A peregrinação urbana é estimuladora por deter potencialmente uma boa densidade de artefatos diferenciadores. Eles constituem cultura no sentido pleno da palavra. Desta forma, todo turismo é cultural, pois autoriza a exploração de patrimônios alheios com efeitos por vezes devastadores (WAINBERG, 2001, p. 16).

A cultura é desta maneira uma prática inerente ao turismo urbano, dado o fato de que a lógica interna das cidades, sua organização, seus signos, os atores envolvidos formam a imagem do que é o destino em questão, produzindo uma singularidade única que incute a motivação desta experiência em novos turistas.

Ainda que o porte e a natureza do destino turístico sejam fatores imperativos e que conferem inúmeras idiossincrasias, grupos de pessoas ressignificam o destino turístico, dão vivacidade e personalidade ao local, expressam-se de forma a transformar o destino urbano num lugar singular, imbuído de signos. Nesse sentido, Scherer (2002, p. 85) afirma que os agentes sociais são parte primordiais da paisagem urbana, pois é imprescindível que se façam presentes “diferentes grupos de pessoas envolvidas, quer em sua produção e utilização, quer em sua modificação ou transformação.

Para Henriques (2003) pode haver muitas motivações que induzam o turista ao destino urbano, tais como visitar familiares e amigos. De outro lado, Gastal (2001, p. 40) indicou um contingente de turistas crescente optando por visitar destinos turísticos urbanos, motivados pela diversidade que estes ofertam, incluindo as manifestações culturais. Na ocasião a autora escreveu que o turismo urbano vinha produzindo um público não massificado, com nível cultural mais elevado, o que acarretava em visitas a patrimônios históricos e aos moradores locais, refletindo que “os produtores e os consumidores de cultura são as mesmas pessoas”.

Um duplo papel também demonstrado no texto de Scherer (2002, p. 103) quando afirmou que “o habitante desempenha a um só tempo o papel de consumidor de sua cidade (cidadão) e promotor de turismo”. Cada cidade figura como um produto cultural único na ótica de Gastal (2001), assim torna-se condição *sine qua non* destino turístico, na perspectiva de Scherer (2002) uma cidade oferta aos turistas o que tem de melhor, *per se* é um produto turístico.

### Áreas Funcionais Turísticas (AFT)

Hayllar, Edwards, Griffin e Aldrigui (2011, p. 1) empregam o vocábulo “*precincts*” para designar áreas turísticas urbanas ou “área funcional turística”. Significa considerar do ponto de vista socioespacial que em determinados destinos turísticos, a atividade (turismo) ocorre com maior ênfase em localidades pequenas ou bem determinadas, os *precincts*. Trata-se de recintos urbanos, áreas funcionais que assentam e articulam as dinâmicas do turismo. Compreende, desse modo, dimensões espaciais, funcionais e psicossociais do fenômeno do turismo: “Esse ‘movimento’ é também reconhecimento de como o espaço, as pessoas, a atividade e a arquitetura interagem dialeticamente e moldam a experiência do visitante da área” (HAYLLAR; GRIFFIN; EDWARDS, 2011, p. 4).

Christopher Smith Bignardi Neves, Marcelo Chemin, Luis Ernesto Brambatti

Kelly (2011, p. 50) conceitua como “uma área geográfica diferenciada, contida em uma área urbana mais ampla, caracterizada pela aglomeração de ocorrências de uso territorial, atividades e visitação relacionadas ao turismo que ocorrem dentro de fronteiras facilmente definíveis”. São passíveis de apresentar padrões particulares de design arquitetônico, arranjos espaciais específicos de atrações e serviços, cujo efeito é a projeção de uma identidade visual e funcional.

Entende-se a área funcional turística como espaços particulares inseridos nas cidades, que possibilitam a interação de turistas e residentes, estes locais podem possuir uma gama de funcionalidades, tais como locais de compras, praças de alimentação, centros históricos e culturais, entre outros (HAYLLAR; GRIFFIN; EDWARDS, 2011, p. 6).

Áreas funcionais turísticas urbanas são comumente visitadas pelos turistas, estes dispõem algum tempo no local, não raro, são os únicos locais visitados por turistas em determinadas cidades (SPIROU, 2011).

Consolidação de áreas funcionais turísticas complementam as atrações já existentes ou criam novas, Spirou (2011) apresenta algumas delas: Sidney (Darling Harbour), Chicago (Navy Pier), Liverpool (Albert Dock), Baltimore (Inner Harbor), Orlando (I-Drive e Disney World), Buenos Aires (Puerto Madero).

As áreas funcionais turísticas atuam como um elo entre turistas e a cidade, são estes os recintos que ratificam a cidade em sua condição de destino turístico. Modificam desse modo a percepção do visitante, aproximando-o com o residente, com o modo de vida, e a história do local.

São diferentes tipologias. No que se refere ao *locus*: “local de reuniões; local de orientação, zonas de conforto; locais de descanso ou refúgio; espaços de descontração; pontos de encontro; zonas de intimidade; zonas de autenticidade; zonas de distinção e contraste”. Não se deve descartar que determinadas áreas elaboram um híbrido de tais classificações. Em relação ao perfil dos visitantes, há três tipos: exploradores, navegadores e experimentadores (GRIFFIN; HAYLLAR; EDWARDS; 2011, p. 36-37).

Áreas funcionais turísticas urbanas representam: lugar para os turistas se encontrarem; lugar para descanso; lugar onde o turista possa ter uma experiência da cidade; estimular um estado de espírito que reflita seus desejos; favorecer a aproximação com o morador e com outros turistas; incentivar a reflexão acerca da cidade; oferecer uma experiência com a identidade local; e, promover a liberdade para perambular e explorar (GRIFFIN; HAYLLAR; EDWARDS; 2011, p. 38-39).

### **Gaytrification: Produção do Território LGBT**

A predominância dos turistas LGBT na praia de Puerto Vallarta (MEX) fez com que Baños e Huizar (2016) identificassem pequenas mudanças no ordenamento territorial da cidade em benefício deste segmento turístico. Atualmente é possível nomear esse processo pela ótica de Giraud (2010) como “*gaytrification*”, fazendo com que o bairro “Zona Romântica”, área mais evidente da presença dos turistas LGBT em Puerto Vallarta, possa ser percebido através do conceito *gayborhood*, bastante abordado por Ghaziani (2014).

*Gayboorhood* é um trocadilho que une os termos *gay* e *neighborhood*, na tradução literal é concebido como bairros *gays*, segundo Murphy (2010, p. 261) “*gayborhood*: a trendy urban enclave linking GLBT identity,

Christopher Smith Bignardi Neves, Marcelo Chemin, Luis Ernesto Brambatti

*consumption, and domesticity*". Um dos primeiros exemplos de *gayborhoods* surgiu em Berlim, na década de 1920 quando ocorre a apropriação social do bairro Schöneberg, Ghaziani (2014) aponta que após a Segunda Guerra Mundial houve uma migração de pessoas LGBTQs para as áreas urbanas, desenvolvendo relevantes *gayborhoods* em algumas cidades. Giraud (2010) sustenta que os preços baixos de imóveis em determinados bairros foram motivadores para que a comunidade LGBTQ se concentrasse nestas áreas.

Estas áreas possuem fronteiras conhecidas pela comunidade LGBTQ. Aqueles que não residem nos limites territoriais, os frequentam diante da oferta de bens e serviços, direcionado especialmente para esse público e suas identidades. Este entendimento permite diálogo com a perspectiva de Costa (2010a, 2010b) sobre a fragmentação da cidade, acentuada na economia de mercado e por lógicas do capitalismo que estimulam os sujeitos a um conjunto multifacetado de hábitos e práticas recorrentes de consumo.

Para Costa (2010a, p. 211) há uma segregação por estranhamento, que favorece a "apropriação de parte do espaço marcada pelas características relacionais de um agregado social".

Expresso o conceito de territorialização a partir de uma apropriação simbólica e identitária do espaço urbano, que delimita e estabelece diferenças de convivência a partir de fronteiras informais, não-institucionalizadas e que determina um pequeno espaço apropriado que pode ser facilmente transposto por estranhos (COSTA, 2010a, p. 210).

Para Ribeiro (2015, p. 215) prevalecem nestes territórios e microterritórios "regras, normas de conduta, códigos e práticas" que são socialmente aceitas ou repudiadas pelos sujeitos que ali exercem um poder simbólico. Furlong (2010, p. 162) ao analisar a Zona Sul do Rio de Janeiro, "concebida como um lugar seguro, aberto e tolerante para os *queers*", percebeu a existência de violências LGBTQfóbicas até mesmo por parte de LGBTQs, expressados por comportamentos de intolerância de gênero, sexualidade, raça e classe social.

Furlong (2010) atenta que nem todos LGBTQs e *queers* usufruem do espaço de forma igualitária, Costa (2010b, p. 25) relata que há uma diversificação do gueto gay, ocasionando na construção de "um mercado de lazer, movido pela necessidade afetiva humana de conversar, paquerar, fazer amizades, divertir-se". Para Giraud (2010) os lugares gays acabam sendo considerados como o espaço de uma contra-cultura gay regidos por uma identidade em comum, o que constitui um recurso identitário e territorial

Silva *et al.* (2013) afirma que devido ao desprezo e ignorância a geografia se omitiu de pensar pela ótica feminista e *queer* até a última década do século XX, relatam que o corpo apresentava-se como irrelevante para a ciência geográfica. Para os autores (id.) Michel Foucault exerce um papel inspirador, pois "explora as minúcias e singularidades próprias do corpo, como o desejo, o amor e os hábitos" (p. 93). Conforme apontou Salinas (2008) e Silva *et al.* (2013), os estudos que englobam a homossexualidade e geografia são escassos, havendo certo protagonismo espanhol por se encontrar maior quantidade de publicações sobre a temática.

Ao interpretar influência da visibilidade gay na geografia, Salinas (2008, s.p.) percebeu que em determinadas cidades e países com vocações turísticas

## De Gueto a Destino Turístico Urbano: Um Estudo da Reguliersdwarstraat (Amsterdã, Holanda) no Contexto LGBTQ+

há uma “*permissividade hacia los turistas y que muchos homosexuales autóctonos disfrutaban de la relativa apertura y libertad que proporcionan los enclaves vacacionales; por lo general vinculados a zonas de playa u otros destinos de interés turísticos*”.

De modo geral, pensar os *gayborhoods* como espaços urbanos específicos, constitui pensar a base territorial de um grupo marginalizado que compartilha estilos de vida e valores (GIRAUD, 2010). Características estas que atraem os turistas LGBTs para vivenciar os estilos de vida semelhantes ao seu, assim diversos bairros gays desenvolvem produtos turísticos, como bares, lojas, saunas e monumentos comemorativos.

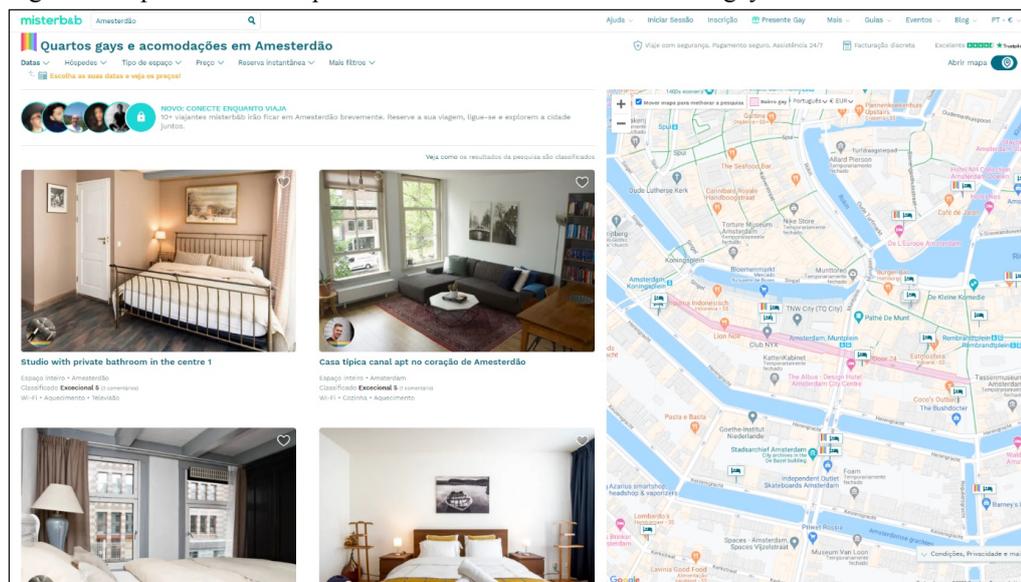
Ghaziani (2014) menciona que alguns *gayborhoods* possuem uma ou duas ruas que expressam melhor suas características, como a predominância de bandeiras do arco-íris, sendo reforçada pela Parada do Orgulho LGBT que percorre as ruas destes bairros, como é o caso da Reguliersdwarstraat, em análise neste estudo.

### Metodologia

Como o estudo objetivou interpretar e validar a Reguliersdwarstraat como área funcional turística na cidade de Amsterdã (Holanda), optou-se pela abordagem qualitativa (Creswell, 2016; Veal, 2011). O delineamento também permite definir a pesquisa, em relação aos objetivos, como exploratório-descritiva (CRESWELL, 2016; VEAL, 2011, LAKATOS; MARCONI, 1992).

O procedimento inicial identificou na plataforma de hospedagem Misterbnb uma área específica denominada como “área gay” na capital holandesa, conforme revela a Figura 2. Selecionado tal reduto, os estudos direcionaram-se a aprofundar informações sobre a relação entre a Reguliersdwarstraat, o segmento LGBTQ+ e as potenciais características de uma área funcional turística urbana.

Figura 2: Captura de tela da plataforma Misterbnb referente à área gay de Amsterdã



Fonte: Misterbnb (2020).

A pesquisa exigiu também pesquisa bibliográfica, documental e observação participativa (CRESWELL, 2016; VEAL, 2011). O pesquisador, primeiro autor, frequentou a área entre os dias 17, 18 e 19 de dezembro do ano de 2018, em períodos distintos (matutino, vespertino e noturno), coletando dados e informações por meio de caderno de campo, como forma de identificar as características geográficas, a dinâmica existente, os frequentadores, os produtos e serviços ofertados.

A observação (COULON, 1995, p. 110) é caracterizada como empírica pela participação do autor no próprio campo de pesquisa, corroborando a abordagem qualitativa, ao trazer a luz dados e informações sobre um objeto de estudo, no caso, o turismo LGBTQ+ na rua *Reguliersdwarstraat*, em Amsterdã (Holanda). Sob esta metodologia, o primeiro autor possui uma atitude ativa com relação ao objeto de estudo, por pertencer à comunidade LGBTQ+, permitindo-lhe compreender e explicar fatos e fenômenos que, aos externos à comunidade, não seriam visíveis.

Os contatos informais, visitas, frequência aos locais investigados, entrevistas com pessoas, gerentes de estabelecimentos da *Reguliersdwarstraat*, indo de porta em porta, sugere uma sociologia qualitativa ou uma etnografia sociológica, buscando uma construção acadêmica necessária para a compreensão do desenvolvimento do turismo LGBTQ+ numa rua de uma capital europeia - Amsterdã. As teorias e conceitos que embasaram o estudo estão presentes na Geografia do Turismo, no planejamento de Destinos turísticos e na Sociologia Urbana.

### **Análise e Discussão**

Amsterdã é um destino turístico consolidado internacionalmente, atraiu 5,2 milhões de turistas no ano de 2017 e motiva estudos diversificados sobre suas relações com o turismo, com projeção ao caráter liberal e plural de sua oferta, como no caso do uso de *Cannabis* e visitas ao *Red Light District* (TERHORST; VAN DE VEM; DEBEN, 2003; RITCHIE, 2011), além de outros tradicionais ícones como festivais de músicas, Casa de Anne Frank, canais urbanizados e integrados à dinâmica urbana, ciclovias, pontes e arquitetura singular.

No que concerne ao Turismo LGBTQ+, considerando uma lista de cem destinos mundiais, Amsterdã foi posicionada no ano de 2017 como segunda colocada (atrás de Madri - ESP) no ranking elaborado pela Nestpick, um mecanismo internacional de meta-pesquisa para aluguel de apartamentos mobiliados que desenvolveu o estudo a partir da divisão Nestpick Studies, que visa oferecer uma visão das cidades para potenciais novos moradores. O ranking citado atribui notas aos seguintes indicadores: Confraternização; Vida Noturna LGBT; Cidadania; Segurança; e, Direitos LGBT.

Segundo o *Global Report on LGBT Tourism* (UNWTO, 2012) Amsterdã é classificada há muitos anos um destino turístico aberto à diversidade sexual, tanto que o *Amsterdam Tourism and Congress Bureau*, deixou de especificar os turistas LGBTs como um público-alvo, pois estes já se misturavam com outros segmentos que o destino busca promover, e de fato o destino já se consolidou como um lugar notório para o turismo gay, onde:

**Christopher Smith Bignardi Neves, Marcelo Chemin, Luis Ernesto Brambatti**



Amsterdã tem sido um nome familiar entre os homossexuais [holandeses] e no exterior há décadas. O Gay Games em 1998, a inauguração do primeiro casamento gay do mundo em 2001, o Gay Pride anual com o colorido desfile de barcos e a animada vida noturna gay ao redor de *Reguliersdwarstraat*, *Rembrandtplein* e *Warmoesstraat/Zeedijk* fazem de Amsterdã uma das cidades mais gay-friendly do mundo (BUJIS; HEKMA; DUYVENDAK, 2009, p. 15 – tradução nossa).

O jornalista e escritor francês Frédéric Martel, que tornou-se referência LGBTQ+ contribui dizendo que “Amsterdã continua sendo uma capital gay europeia com seu slogan “I AMsterdã”, que prende turistas” (Martel, 2018, p. 117, tradução nossa), o autor faz menção ao Pink Point – um local de informações turísticas para LGBTQ+ - e ao Homomonument – um memorial que remete aos triângulos rosas, símbolo usado para designar os homossexuais nos campos de concentração nazista.

Neves e Brambatti (2019) revelam que o turista LGBT possui hábitos de viagem que diferem do turista homossexual. LGBTs investem seus recursos em artigos de luxo e entretenimento, são normalmente um público mais sensível, exigente e sofisticado. Fato que despertou o interesse das mais diversas áreas, dentre elas *marketing* e economia, que aprofundam os estudos sobre esse público, pois identificou-se o potencial econômico destes turistas. Por tais motivos, os turistas LGBTs buscam lugares onde possam expressar-se, sentir-se acolhidos, seguros, não ser reprimidos, ou seja, buscam lugares *gay-friendly*, distanciados da LGBTfobia, principalmente longe de seu local de residência, dado que em cidades desconhecidas estes tornam-se mais vulneráveis. Desta forma, empreendimentos *gay-friendly* têm se projetado em grandes centros urbanos associados à dinâmica do turismo, despertam nuances e territorialidades singulares.

Além desse aspecto, no momento em que Griffin, Hayllar e Edwards (2011, p. 35) afirmam que a liberdade e a descontração oportunizadas por um dado local produzem sensações de pertencimento, observa-se como promissor investigar correlações entre esse fenômeno e o público LGBTQ+ e os recintos urbanos que atendem expectativas e motivações.

Ainda assim, os turistas urbanos normalmente precisam satisfazer certas necessidades psicológicas como: liberdade; novidade; fuga da rotina; e interação tanto com os moradores quanto com outros turistas. Dentro das cidades, é a área funcional turística que oferece um espaço que estimula o surgimento de tais sensações (GRIFFIN; HAYLLAR; EDWARDS, 2011, p. 34).

Em Amsterdã a *Reguliersdwarstraat* – em tradução literal no português, a “rua regular transversal” é uma área indicada por tais características.

### Do Gueto ao Turismo

Como parte do traçado urbano da Amsterdã velha, a *Reguliersdwarstraat* está integrada à rede de canais em arcos concêntricos de Amsterdam, área de reconhecida importância para a história e formação da capital Holandesa. O entorno e a via são marcadas desde a origem pelo dinamismo comercial, portuário e cultural que resultou no desenvolvimento de um conjunto urbano singular. O nome deriva de um claustro medieval, datado de 1394, localizado próximo à rua atual. Os monges que lá viviam até o incêndio de 1532, observavam as regras canônicas regulares e viviam sob a filosofia de Santo Agostinho (REGULIERS, 2018; UNESCO, 2021).

O prefixo *reguliers*, inicialmente com o claustro *Reguliersklooster*, deu origem a outros locais de Amsterdam, como: *Regulierspoort*, o portão da muralha de Amsterdam, construído em 1480-1487; que era conectado ao exterior da cidade pela rua principal, *Reguliersbreestraat*. A construção da rua *Reguliersdwarstraat* data de 1586; seguida pelo canal *Reguliersgracht*, fundado em 1658, e posteriormente pela praça *Reguliersplein* de 1668 – atual *Rembrandplein* (REGULIERS, 2018).

Nos idos de 1800, o canal *Herengracht*, paralelo a *Reguliersdwarstraat* perdeu parte dos seus moradores mais endinheirados, as casas então luxuosas foram vendidas para pessoas comuns, que instalaram ali uma variedade de pequenos empreendimentos. Desta forma a parte a leste da *Reguliersdwarstraat* sofreu influência da riqueza dos ex-moradores, enquanto que a parte a oeste da rua, sofreu com a pobreza do bairro (REGULIERS, 2018).

Desde o século XIX, esta parte da rua registrava a presença de artistas de rua. No início do século XX, surgem dois cinemas: o Bioscope Theater fora fundado em 1917; o Teatro Tuschinski data de 1921, este tornou-se o mais famoso, funcionamento nos dias atuais. Em 1926 a imagem da área sofre grande alteração, devido ao início da construção do Hotel Carlton. O edifício possui porte considerável, sendo um dos maiores quando comparado em relação ao entorno. Parte das colunas de sustentação da fachada estão assentadas no limite do passeio com *Vijzelstraat*, uma das principais vias comerciais e de fluxo da área. No trecho em que a edificação sobrepõe-se a *Reguliersdwarstraat*, acaba por lhe conferir o aspecto de um pórtico. (REGULIERS, 2018; BAKKER, 2016).

Hekma (2014) evidencia que o crescimento da quantidade de bares na *Reguliersdwarstraat* se dá após 1950, onde no prédio de número 11, instala-se no ano de 1963 o *MacDonald*, primeiro bar gay, frequentado por jovens menores de 21 anos – que não podiam frequentar a discoteca gay DOK localizada no Singel n° 460 (teve sua abertura em 1952). Em 1970 surge sob a égide da diversidade sexual o *Coffeshop Downtown* servindo refeições e não *cannabis*; em 1976 a primeira discoteca gay, *De Viking*, que perdurou até 1987.

É a partir da década de 1980 que a *Reguliersdwarstraat* tem ascensão, com a instalação de restaurantes internacionais elitizados. Já em 1981, os empresários Frans Monsma e Guus Silverentand inauguram o *Café April*; outra personalidade que dá força para que a *Reguliersdwarstraat* torne-se uma área gay de sucesso é Sjoerd Kooistra, proveniente do norte da Holanda. O magnata

gay compra diversos bares na rua, iniciando pelo bar Oblomov (bar para heterossexuais), adquire em 1986 o *Café April*, que viria a ser o bar gay mais famoso da Europa e o *Coffeeshop Downtown* (FURTADO, 2017).

Com a venda do *Café April*, o empresário Frans Monsma inaugura em 1989 o bar *Havana*, um híbrido de café e discoteca. Em 1996, o empresário Sjoerd Kooistra inaugura a discoteca *Exit* (gay). Logo depois compra o bar *Havana* e transforma a discoteca *Richter* (heterossexual), que diante do crescente número de gays frequentando a *Reguliersdwarstraat*, em 1999, no pub gay *Soho*.

Outras duas discotecas heterossexuais promoviam na década de 1990 festas para o público gay: a RoXY (Rua Singel nº 465-467), organizava a noite gay nas quartas-feiras, enquanto a discoteca iT (Rua Amstelstraat nº 24) realizada o evento aos sábados; com isso se estabeleceu o “Triângulo Dourado” das festas gays de Amsterdã (Hekma, 2014).

Em 1996, o grupo de empresários da vida noturna gay percebe o declínio da área, como forma de reduzir os danos da evasão do público promovem a primeira Parada Gay de Amsterdã, que até hoje é eternizada pelo desfile de barcos pelos canais (*Canal Parade*). O sucesso trouxe à Amsterdã o *Gay Games* de 1998, com 13 mil atletas, e 250 mil visitantes (GAYGAMES, 2019; PRIDE AMSTERDAM, 2019).

Em 2002, Sjoerd Kooistra fecha o bar *Havana*, que reabre sob o nome de ARC, com novos proprietários. Com o advento da internet, os gays deixam de usar os estabelecimentos de entretenimento para se conhecerem e se encontrarem, o número de visitantes da *Reguliersdwarstraat* diminui. Atentos ao fenômeno, no ano de 2007, dá-se início há um projeto de revitalização da rua. O empresário Sjoerd Kooistra, proprietário dos bares *Downtown*, *April*, *Soho*, *Exit Café* e *Exit Club*, (re)compra o bar gay ARC, tornando-se o detentor do monopólio dos empreendimentos gays da *Reguliersdwarstraat* (HET PAROOL, 2007); após problemas financeiros com a cervejaria *Heineken* (HET PAROOL, 2010b), por ordem judicial, os empreendimentos são fechados (HET PAROOL, 2010a), levando ao suicídio de Sjoerd Kooistra em 2010 (HET PAROOL, 2010c), o que refletiu na vida noturna gay de Amsterdã. Em setembro do mesmo ano, inaugura-se o *Taboo Bar*, que permanece até os dias atuais.

O declínio da *Reguliersdwarstraat* fez com que a cervejaria *Heineken*, que mantém investimentos nos bares, juntamente com o governo local, buscassem novos empreendedores para a rua. No ano de 2011, os bares gays reabriram, porém, o “*glamour*” já não era o mesmo; no primeiro semestre de 2012, alguns bares não mais existiam ou converteram-se em bares heterossexuais. *Soho*, *Exit Café* e *Taboo Bar*, mantiveram-se, mesmo com o público gay reduzido drasticamente, em 2012 inaugura-se o *club NYX*, direcionado para jovens, independente de orientação sexual (REGULIERS, 2018).

Após a criação da associação empresarial da localidade, buscou-se promover uma parte da *Reguliersdwarstraat*, denominada de *Secret Village*, situada no extremo leste da rua (Figura 3), esta área é inspirada nos jardins do século XVIII, localizado aos fundos dos restaurantes, da mesma rua. Novas plantas de vários tamanhos foram inseridas na paisagem da rua. Em 09 de junho de 2016, o *Secret Village* foi inaugurado com uma grande feira na rua, o público presente caracterizava-se principalmente por gays, assemelhando-se ao Amsterdã *Gay Pride*.

## De Gueto a Destino Turístico Urbano: Um Estudo da *Reguliersdwarstraat* (Amsterdã, Holanda) no Contexto LGBTQ+

Figura 3: Visão da *Reguliersdwarstraat* a partir da esquina com *Geelvincksteeg*



Fonte: Abreu Filho, Pedro. (2019).

### **A *Reguliersdwarstraat* como precinct: atrações, serviços, público, marcas visuais**

Os 465 metros da rua em estudo apresentam alguns empreendimentos que satisfazem as necessidades de turistas e moradores. Para Terhorst, van de Ven e Deben (2003), o modelo do centro histórico de Amsterdã determina o uso do território da região, possibilitando uma variedade de atividades voltadas ao lazer, que no caso da *Reguliersdwarstraat* se evidencia.

No período de elaboração deste estudo havia na rua além de residências, garagens e escritórios, 16 bares, 28 restaurantes, 03 *coffee shops*, 02 casas noturnas, 02 lojas de calçados, 02 lojas de roupas, 01 loja de souvenir, 01 loja de bebidas alcoólicas, 02 cabeleireiros, 01 estúdios de tatuagem, 01 casa de massagens, 02 espaços comerciais desocupados, 01 hotel, 01 B&B (*Bed and Breakfasts*), 01 imóvel para locação de temporada,

O Quadro 1 apresenta os estabelecimentos separados geograficamente por micro áreas (Amsterdã, 2020), sendo o lado mais ao norte denominado de *Reguliersbuurt* (em tradução literal, vizinhança da *reguliers* ou bairro *reguliers*), a porção mais ao sudeste denomina-se *Van Loonbuurt* (vizinhança assalariada), enquanto que a porção localizada ao sudoeste é nominada de *Gouden Bocht* (curva dourada); percebe-se que o nome destas micro áreas carregam consigo o histórico da rua e sua região.

A rua tem maior movimento no período noturno, onde os bares e restaurantes recebem não somente o público LGBTQ+, mas também heterossexuais; o clima de *happy hour* é característico, e pode-se perceber pessoas com trajes formais, provenientes do local de trabalho, grupo de amigos que reúnem-se para descontração.

**De Gueto a Destino Turístico Urbano: Um Estudo da Reguliersdwarstraat  
(Amsterdã, Holanda) no Contexto LGBTQ+**

Quadro 1: Estabelecimentos comerciais da Reguliersdwarstraat

Reguliersbuurt	Bar/Café	Bar Blend, 41; Taboo Bar, 45; Shotjesbar, 99; Reality, 129; Cafeteria Noona, 47; Luchroom Downtown, 31; Regular & Jack Sportbar, n/a
	Club	De Duivel, 87; Duke of Tokyo, 37;
	Coffeshop	Betty Boop, 29
	Hospedagem	Edwin's Guesthouse, n/a
	Restaurante	Tomo Sushi, 131; Steakhouse Grill Tango, 125; Coco's Corner Shop, 121; Thai Restaurant Bangkok, 117; Castillo Tapas y Steaks, 89; Vegan Junk Food Bar, 57; Artisan Pizza Heart, 51; Taboo Kantine, 43; Sichuan Food, 35; Garlic Queen, 27; Norling Restaurant, 23; Middl Eat Vegan Mediterranean cuisine, 21; The Big Apple, 17-19; Il Primo, 13-15; Thai Phutakun, 11; Verona Rest. Italiano, 7; Saturnino Ristorante Italiano, 03-05;
	Serviços	El Encanto Hairsalon, 33; Tatto Palace Amsterdam, 91; The Sun Chinese Massage, 107
Outros	Artem Bodywear, 39; Liquor & More Store, 95; TNW City (TQ City), s/n.; Booking.com, s/n.; Shoebaloo, n/a	
Gouden Bocht	Bar/Café	Hunter's Grand Café, 44
	Club	SoHo, 36; Bar Exit, 42; NYX, 42
	Coffeshop	The Otherside, 6
	Hospedagem	Não há
	Restaurante	Roses by Sal, 40; Pasta Factory, 34; Dynasty, 30; Lion Noir, 28; Genki Garden, 26; Genroku Sushi, 18; Bariloche Steak & Burguer, 8
	Serviços	Who Cares hair & beauty, 54
Outros	The Shirtshop, 64; Four Season's Gift Shop, n/a; Philipp Plein, n/a	
Van Loonbuurt	Bar/Café	Coffe Concepts Lunch bar, 4; Door 74, 74; De Nachwacht, n/a; Feijoa, n/a
	Club	Jantjes verjaardag, 108-114
	Coffeshop	Free I, 70
	Hospedagem	Rembrandt Studio's, 84
	Restaurante	Memories of India, 88; La Estancia, 86; Piazza Doro, 84; Sale e Pepe, 80; Shiva India Rest., 72
	Serviços	Não há
Outros	DPPLR, 108; Media Planet, 108; Vice Media Benelux, 90-92; Virtue, 90-92	

Legenda: s/n. = Sem número identificado; n/a = Não aplica (estabelecimentos de esquina)  
Fonte: Os autores (2020).

A observação possibilitou identificar que o público LGBTQ+ frequentador da área é com idade superior a 25 anos, sendo registrado poucos transeuntes com idade aparente menor a esta; outra constatação é de que no período matutino a rua encontra-se pouco movimentada; próximo ao horário de almoço os restaurantes e cafés que fornecem pequenos lanches abrem as portas

próximo ao meio dia, organizam as mesas na calçada, de forma que o visitante identifica o estabelecimento aberto; o horário de funcionamento dos restaurantes é até as 22 e/ou 23 horas.

Os bares da *Reguliersdwarstraat* possuem praticamente dois horários de reabertura, parte deles abre por volta das 17 horas, enquanto outra parte abre por volta das 20 horas, funcionando até às 03:00h da madrugada em dias da semana, aos finais de semana estendem-se até às 04:00h. A idade mínima para o consumo de bebidas alcoólicas nos bares e restaurantes é de 21 anos, seu consumo em vias públicas é proibido com aplicação de multas.

Para ingresso em um dos 03 *coffee shops*, é preciso ter no mínimo 18 anos de idade, abrem por volta das 10 horas e fecham entre meia-noite e 01 hora da madrugada; nestes estabelecimentos conhecidos pela venda de cannabis, é proibida a venda de bebidas alcoólicas e tabaco.

Diante disso o local apresenta elevados índices de segurança, a iluminação noturna é suficiente para se caminhar sem muitas preocupações, ainda que o risco de ataques homofóbicos possam existir, inclusive o estudo de Bujis, Hekma e Duyvendak (2009) apontam que:

A maioria (55%) dos incidentes ou violência física ocorre fora das áreas conhecidas como áreas gays (como vida noturna e locais de encontros gay), mas também ocorre dentro dessas áreas (42%). A maioria dos incidentes na área da vida noturna gay ocorre dentro e ao redor da *Reguliersdwarstraat*. A maioria dos atos de violência são cometidos durante o final de semana. A violência anti-gay atinge um pico claro no verão, especialmente em agosto. (BUJIS; HEKMA; DUYVENDAK, 2009, p. 150 – tradução nossa).

Diante de todo o exposto, afirmar que a *Reguliersdwarstraat* possui caráter de área funcional turística não é espantoso. Para Selby, Hayllar e Griffin (2011, p. 105) “as áreas funcionais turísticas são formadas por concentrações de sinais que representam histórias e culturas específicas” e que a própria história e cultura da área gera um ambiente único e atrativo, o que se identifica conceitualmente ao que acontece na *Reguliersdwarstraat*.

Kelly (2011), aponta que a origem dos visitantes à uma área tem relação com a distância percorrida por eles para chegar ao local, afirmando que os turistas tendem a vir de lugares mais próximos. Bujis, Hekma e Duyvendak (2009) apontam que os frequentadores da *Reguliersdwarstraat* são cidadãos da União Europeia.

Vivenciar a *Reguliersdwarstraat* gera no turista uma performance turística, que para Krolkowski e Brown (2011, p. 77) é caracterizada como uma “exposição da importância do espaço individualizado, onde fatores como sexo, raça, idade, “opção sexual”, deficiência e outros influenciam a forma de se enxergar e vivenciar um mesmo espaço turístico” (grifo nosso). Krolkowski e Brown (2011, p. 69) sugerem que turistas buscam espaço como este, não porque querem algo específico, mas porque a atmosfera destes lugares é agradável, a configuração geral e os elementos físicos corroboram para que se construa uma identidade ao local, que hoje aparece nos mapas turísticos.



### Considerações

Embora os teóricos aqui elucidados (GRIFFIN; HAYLLAR; EDWARDS, 2011), abordem as áreas funcionais turísticas a partir das perspectivas de centros históricos, bairros étnicos, bairros culturais, waterfronts, entre outros tipos de áreas, este estudo buscou representá-las a partir de um segmento, o turismo LGBTQ+ e da diversidade sexual, entendendo o público-alvo como o diferencial para a existência e funcionamento da área turística funcional de Amsterdã, a *Reguliersdwarstraat*. O ciclo de vida da área, conforme o modelo de Butler (1980), já apresentou períodos de desenvolvimento, consolidação e estagnação, atualmente pode-se afirmar que encontra em uma nova fase, a de rejuvenescimento, graças ao *Secret Village* (NEVES, 2021), que busca trazer uma área verde para a rua, buscando perpetuar o local mais frequentados por gays em Amsterdã, como uma área funcional turística, voltando a atrair turistas de toda Europa e de outros locais do mundo. Outros destinos desenvolveram áreas funcionais turísticas com a identidade LGBTQ+, como São Francisco (EUA), Sidney (AUS), Praga (ZCE) e Berlim (ALE) e Amsterdã acabou perdendo o título de “Capital Gay do Mundo”, mas continua sendo a Capital Gay da Europa, reflexo de que a *Reguliersdwarstraat* conseguiu renovar-se como destino turístico.

Alguns estudos atuais apontam para a existência de bairros gays (*gayborhood*). Na perspectiva de Lynch (2011, p. 75), a *Reguliersdwarstraat* não pode ser compreendida como um bairro (da área Amsterdã-Centrum), ainda que apresente algumas das características de “textura, espaço, forma, detalhe, símbolo, tipo de construção, usos, atividades, habitantes, estado de conservação, topografia” definidas pelo autor. Desta forma, o presente estudo entende e caracteriza a *Reguliersdwarstraat* como uma *precinct* (área funcional turística urbana).

Fica evidente que nos meses de verão a rua é mais movimentada por conta da Gay Pride Amsterdã, Canal Parade e de outros eventos relacionados; nos meses de inverno a rua possui menos turistas, estes são provenientes de cidades próximas ou países vizinhos como relatados por Kelly (2011), alguns destes turistas vão a Amsterdã para visitar amigos ou familiares como na perspectiva de Henriques (2003); enquanto na alta temporada (verão) o espírito festivo da cidade atrai mais turistas jovens LGBTQ+, que comparam a cidade a uma grande festa, permanecendo mais tempo do que o necessário, porque há mais entretenimento, fato que não foi identificado na observação em campo deste estudo.

Essa área funcional turística pode ser compreendida como tal, com mínimos saberes do Movimento LGBT e/ou da Teoria *Queer* – como prática de vida que se coloca contra as normas socialmente aceitas (BUTLER, 2002), atrelando aos conhecimentos expostos em Hayllar, Edwards, Griffin e Aldrigui (2011); resistindo no tecido urbano, esta área superou os preconceitos e limites heteronormativos. O ex-gueto da *Reguliersdwarstraat* rompeu barreiras devido a liberdade encontrada em Amsterdã, fator que não se encontra facilmente em outros países. Obviamente outras áreas gays são encontradas pelo mundo, como: *South Beach* (Miami), *Greenwich Village* (Nova Iorque), *Dolores Heights* (San Francisco), *Les Marais* (Paris), *SoHo* (Londres). O

Christopher Smith Bignardi Neves, Marcelo Chemin, Luis Ernesto Brambatti

entendimento de que a *Reguliersdwarstraat* é uma área funcional turística urbana, gera precedentes histórico-científico para que outros locais possam ser assim analisados.

O turismo é atividade econômica, causadora de impactos positivos e negativos; a *Reguliersdwarstraat* deve ser compreendida aqui como um espaço de interação positiva entre LGBTQ+ holandeses com os visitantes LGBTQ+ de outras partes do mundo. As políticas de direitos sexuais encontradas na Holanda favorecem uma identidade LGBT (PARKER; PETCHESKY; SEMBER, 2004) que é experimentada pelos turistas da mesma identidade. Desta forma a existência de uma área funcional turística para a diversidade sexual corrobora para a interação entre visitantes e residentes, contribuindo para um fortalecimento das identidades LGBTQ+.

A globalização trouxe a discussão da diversidade sexual para os temas atuais, perpetrando no Turismo como um segmento vantajoso e rentável para os empreendedores. O *Second Global Report on LGBT Tourism* (UNWTO, 2017) aponta que turistas LGBTs gastam 30% mais que turistas heterossexuais, sendo este um dos motivos da ampliação do número de estabelecimentos de serviços e entretenimento direcionados para esse público, fato que foi percebido na *Reguliersdwarstraat*.

### **Referências**

ABREU FILHO, P. F. **Viagem à Amsterdam** - Fotos [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por pedro\_filho@live.com em 20 jul. 2019.

ACKROYD, P. **Queer city: Gay London from the romans to the present day**. New York: Abrams Press, 2018.

AMSTERDAM. Gemeente Amsterdam. **Gebiedsindelingen**. Disponível em: <<https://maps.amsterdam.nl/gebiedsindeling/>>. Acesso em: 22 de abril, 2020,

BAKKER, T. **Zuidelijke Verkeersdoorbraak Vijzelstraat 1917-1935 verdwenen bebouwing, nieuwe bebouwing. 2016**. Disponível em: <<https://www.theobakker.net/pdf/vijzelstraat.pdf>>. Acesso em 19 de janeiro de 2021.

BAÑOS, J. A.; HUÍZAR, M. A. Territorios turísticos de la diversidad. **Revista CIDADES**, RNIU, v. 112, p. 39-47, 2016.

BECKER, E. **Overbooked: The exploding business of travel and tourism**. New York: Simon & Schuster, 2013.

BUHALIS, D. Marketing the competitive destination of the future. **Tourism Management**, v. 21, p. 97-116, 2000.

BUJIS, L.; HEKMA, G.; DUYVENDAK, J. W. **Als ze maar van me afblijven: Een onderzoek naar antihomoseksueel geweld in Amsterdam**. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2009.

**Christopher Smith Bignardi Neves, Marcelo Chemin, Luis Ernesto Brambatti**



BUTLER, J. Crítica subversiva. In: JIMÉNEZ, R. M. M. **Sexualidades transgressoras**: Uma antologia de estudos queer. Barcelona: Icària, 2002, p. 55 – 80.

BUTLER, R. W. The concept of a tourism area cycle of evolution: implications for management resources. **Canadian Geographer**, v. 24, p. 5-12, 1980.

CAMARGO, L. O. L. Hospitalidade, turismo e lazer. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 13, n.3, p. 1-15, 2019.

CASTROGIOVANNI, A. C. Apresentação. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (org.). **Turismo urbano**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2001.

CMI. Community Marketing & Insights. **23rd Annual LGBTQ Tourism & Hospitality Survey**. Disponível em: <<https://communitymarketinginc.com>>. Acesso em: 02 de fevereiro, 2019.

COSTA, B. P. Geografias das interações culturais no espaço urbano: o caso das territorializações das relações homoeróticas e/ou homoafetivas. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 1, n. 2, p. 207-224, 2010a.

COSTA, B. P. Geografias das Representações Sobre o Homoerotismo. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v.1, n.1, p. 21-38, 2010b.

COULON, A. **A Escola de Chicago**. Campinas: Ed. Papius, 1995.

CRESWELL, J. **Projeto de Pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2016.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: ArtMed, 2006.

EDWARDS, D.; GRIFFIN, T.; HAYLLAR, B. Áreas funcionais turísticas urbanas: um panorama dos principais temas e questões. In: HAYLLAR, B.; GRIFFIN, T.; EDWARDS, D.; ALDRIGUI, M. **Turismo em cidade**: Espaços urbanos, lugares turísticos. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

DOMARESKI-RUIZ, T. C. **A dinâmica evolutiva da competitividade do destino turístico Curitiba**. 2015. Tese de Doutorado (Departamento de Geografia), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.

FEDERATION of Gay Games. **Gay Games History**. Disponível em: <<https://gaygames.org/History>>. Acesso em: 25 de janeiro de 2019.

FURLONG, A. Tolerância das Performances de Raça e Classe na Zona Sul



entre Homens Queers do Rio de Janeiro. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 1, n. 2, p. 161-175, 2010.

FURTADO, O. **Reguliersdwarstraat, a histórica rua gay de Amsterdã**. 2017. Disponível em: <<http://www.maiorviagem.net/reguliersdwarstraat-rua-gay-de-amsterdam/>>. Acesso em: 25 de novembro de 2018.

GASTAL, S. O produto cidade: caminhos de cultura, caminhos de turismo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (org.). **Turismo urbano**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2001.

GIRAUD, C. **Sociologie de la gaytrification : identités homosexuelles et processus de gentrification à Paris et Montréal**. 2010. Tese (École Doctorale Sciences Sociales), Lyon.

GRIFFIN, T.; HAYLLAR, B.; EDWARDS, D. Lugares e pessoas: uma tipologia de áreas funcionais turísticas. In: HAYLLAR, B.; GRIFFIN, T.; EDWARDS, D.; ALDRIGUI, M. **Turismo em cidade: Espaços urbanos, lugares turísticos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

GOMES, E. L.; GÂNDARA, J. M.; IVARS-BAIDAL, J. A. É importante ser um destino turístico inteligente? A compreensão dos gestores públicos dos destinos do Estado do Paraná. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 11, n. 3, p. 503 - 536, 2017.

HAYLLAR, B.; GRIFFIN, T.; EDWARDS, D. Turismo em área urbanas: compreendendo o campo e estudo. In: HAYLLAR, B.; GRIFFIN, T.; EDWARDS, D.; ALDRIGUI, M. **Turismo em cidade: Espaços urbanos, lugares turísticos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

HEKMA, G. Queer Amsterdã 1945-2010. In: COOK, M.; EVANS, J. V. (org.), **Queer cities, queer cultures: Europe since 1945**. London: Bloomsbury, 2014.

HENRIQUES, E. A cidade, destino de turismo, **Revista da Faculdade de Letras-Geografia**, v. 19, p. 163 - 172, 2003.

HET PAROOL. **Kooistra koning homohoreca**. Amsterdã, 03 de out. 2007. Disponível em: <<https://www.parool.nl/binnenland/kooistra-koning-homohoreca~a8725/>>. Acesso em: 11 de janeiro de 2019.

HET PAROOL. **Heineken zet procedure Kooistra op laag pitje**. Amsterdã, 30 de jun. 2010. (2010a). Disponível em: <<https://www.parool.nl/nieuws/heineken-zet-procedure-kooistra-op-laag-pitje~b8486981/>>. Acesso em: 11 de janeiro de 2019.

HET PAROOL. **Heineken zet door: exit de Exit Amsterdã**, 06 de abr. 2010. (2010b) Disponível em: <<https://www.parool.nl/amsterdam/heineken->

**Christopher Smith Bignardi Neves, Marcelo Chemin, Luis Ernesto Brambatti**

zet-door-exit-de-exit~a287586/>. Acesso em: 11 de janeiro de 2019.

HET PAROOL. **Horecamagenaar Kooistra volgde eigen weg**. Amsterdam, 29 de jun. 2010. (2010c). Disponível em: <<https://www.parool.nl/binnenland/horecamagenaar-kooistra-volgde-eigen-weg~a302801/>>. Acesso em: 11 de janeiro de 2019.

HUGHES, H. **Pink Tourism: Holidays of gay Men and Lesbian**. Wallingford: CAB International, 2006.

KELLY, I. Áreas funcionais turísticas dentro da forma urbana: relações com a cidade. In: HAYLLAR, B.; GRIFFIN, T.; EDWARDS, D.; ALDRIGUI, M. **Turismo em cidade: Espaços urbanos, lugares turísticos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

KOENS, K.; POSTMA, A.; PAPP, B. (2018). Is Overtourism Overused? Understanding the Impact of Tourism in a City Context, **Sustainability**, v. 10, n.12, p. 1-15, 2018.

KROLIKOWSKI, C.; BROWN, G. A estrutura e a forma das áreas funcionais turísticas urbanas: montando o palco para a performance turística. In: HAYLLAR, B.; GRIFFIN, T.; EDWARDS, D.; ALDRIGUI, M. **Turismo em cidade: Espaços urbanos, lugares turísticos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Atlas, 1992.

LIDIJA, L. Solastalgia: An application in the overtourism context. **Annals of Tourism Research**, v. 82, p. 1-3, 2020.

LONGJIT, C.; PEARCE, D. G. Managing a mature coastal destination: Pattaya, Thailand, **Journal of Destination Marketing & Management**, v. 2, n. 3, p. 165-175, 2013.

LYNCH, K. **A imagem da Cidade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

MACRAE, E. Em defesa do gueto, **Novos Estudos Cebrap**, v. 2, n. 1, p. 53-60, 1983.

MARTEL, F. **Global Gay: How Gay Culture Is Changing the World**. Cambridge: The MIT Press, 2018.

MIOSSEC, J. M. Un Modèle de l'espace touristique, **Revista L'Espace Géographique**, n. 1, p. 41-48, 1977.

MURPHY, R. P. The Gay Land Rush: Race, gender, and sexuality in the life of post-welfare Minneapolis. In: RANKLIN, M. D. *et al.* **Queer Twin Cities:**

**Christopher Smith Bignardi Neves, Marcelo Chemin, Luis Ernesto Brambatti**

Twin Cities GLBT Oral History Project. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.

NEVES, C. S. B.; BRAMBATTI, L. E. O comportamento do turista LGBT com relação ao consumo em viagens de lazer, **Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade**, v. 11, n. 4, p. 832-846, 2019.

NEVES, C. S. B. Tourism Area Life Cycle: Historiographic interpretation of Reguliersdwarstraat as LGBT tourist territory in Amsterdam. *Applied Tourism*, v. 6, n 1, p. 45-57, 2021.

NESTPICK. **Best LGBT Cities 2017 Ranking**. Disponível em: <<https://www.nestpick.com/best-lgbt-cities>>. Acesso em: 11 de dezembro, 2018.

NGUYEN, L. T. P.; PEARCE, D. G. Joint destination marketing in the South Central Coast region of Vietnam, **Journal of Destination Marketing & Management**, v. 4: p. 88-97, 2015.

PARKER, R., PETCHESKY, R., SEMBER, R. (2004). **SexPolitics: Reports from the Front Lines** [Recurso eletrônico]. Disponível em: <<http://www.sxpolitics.org/frontlines/home/index.php>>. Acesso em: 03 de janeiro de 2019.

PEARCE, D. G. Modelos de gestión de destinos: síntesis y evaluación, **Estudios y Perspectivas en Turismo**, v. 25, p. 1-16, 2016.

PEARCE, D. G. Toward an integrative conceptual framework of destinations. **Journal of Travel Research**, v. 53, n. 2, p. 141-153, 2014.

PEARCE, D. G.; GUALA, C.; VELOSO, K.; LLANO, S.; NEGRETE, J.; ROVIRA, A.; REIS, A. Destination Management in Chile: Objectives, Actions and Actors. **International Journal of Tourism Research**, v. 19, n. 1, p. 50-67, 2016.

PERLONGHER, N. O. **O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PRIDE AMSTERDAM. **Gay Games Amsterdam 1998**. Disponível em: <<https://pride.amsterdam/gay-games-amsterdam-1998>>. Acesso em: 12 de janeiro de 2019.

REGULIERS. **Geschiedenis van de Reguliersdwarstraat in Amsterdam**. Disponível em: <<http://www.reguliers.net/geschiedenis.php>>. Acesso em: 28 de novembro de 2018.

RIBEIRO, M. A. Dinâmica, Espacialidade e Relações Homocomerciais: o exemplo das saunas de boys na urbe carioca. **Revista Latino-americana de**

**Geografia e Gênero**, v. 6, n. 2, p. 213 – 234, 2015.

RITCHIE, B. W. Contribuição das áreas funcionais turísticas urbanas para a economia das cidades. *In* HAYLLAR, B., GRIFFIN, T., EDWARDS, D. & ALDRIGUI, M. **Turismo em cidade: Espaços urbanos, lugares turísticos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

RYAN, C.; HALL, M. C. **Sex Tourism: marginal people and liminalities**. London: Routledge, 2001.

SALINAS, V. F. ¿Un planeta fuera del armario? La visibilidad gay como objeto de estudio geográfico. *Scripta Nova, Revista Electrónica De Geografía Y Ciencias Sociales*, v. XII, n. 270 (43), 2008.

SCHERER, R. Paisagem urbanística, urbanização pós-moderna e turismo. *In*: YÁZIGI, E (org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

SELBY, M.; HAYLLAR, B.; GRIFFIN, T. A experiência do turista nas áreas funcionais turísticas. *In*: HAYLLAR, B., GRIFFIN, T., EDWARDS, D. & ALDRIGUI, M. **Turismo em cidade: Espaços urbanos, lugares turísticos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

SILVA, J. M. *et al.* O corpo como elemento das geografias feministas e queer: Um desafio para a análise no Brasil. *In*: SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMIN JUNIOR, A. B. **Geografias Malditas: corpos, sexualidades e espaços**. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2013, p. 85 - 142.

SPIROU, C. A evolução da área funcional do turismo. *In*: HAYLLAR, B., GRIFFIN, T., EDWARDS, D. & ALDRIGUI, M. **Turismo em cidade: Espaços urbanos, lugares turísticos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

TERHORST, P.; van de VEN, J.; DEBEN, L. Amsterdam: It's all in the mix. *In*: HOFFMAN, L. M.; FAINSTEIN, S. S.; JUDD, D. R. **Cities and Visitors. Regulations people, markets, and city space**. Oxford: Blackwell Publishing Ltda., 2008.

TURNER, V. **O processo Ritual**. Petrópolis, Editora Vozes, 1974.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **World Heritage List**. Seventeenth-Century Canal Ring Area of Amsterdam inside the Singelgracht. Disponível em: <<https://whc.unesco.org/en/list/1349>>. Acesso em 08 de fevereiro de 2021.

VEAL, A. J. **Metodologia de pesquisa em lazer e turismo**. São Paulo: Aleph, 2011.

WAINBERG, J. Cidades como sites de excitação turística. *In*: CASTROGIOVANNI, A. C. (org.). **Turismo urbano**. 2 ed. São Paulo:

**Christopher Smith Bignardi Neves, Marcelo Chemin, Luis Ernesto Brambatti**

Contexto, 2001.

WORLD TOURISM ORGANIZATION. **Global Report on LGBT Tourism**.  
Madri: UNWTO, 2012.

WORLD TOURISM ORGANIZATION. **Second Global Report on LGBT  
Tourism**. Madri. UNWTO, 2017.

YÁZIGI, E. **A alma do Lugar**: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e  
montanhas. São Paulo: Contexto, 2001.

YÁZIGI, E. A importância da paisagem. *In*: YÁZIGI, E. (org.). **Turismo e  
paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

YOUELL, R. **Turismo**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2002..

**Contribuição de Autoria / Contribución de autoría**

Christopher Smith Bignardi Neves: Conceituação, Curadoria de Dados;  
Investigação, Escrita – primeira redação, revisão e edição.

Marcelo Chemin: Análise Formal; Administração do Projeto; Validação;  
Escrita – revisão e edição.

Luiz Ernesto Brambatti: Metodologia.

**Recebido em 22 de julho de 2020.**

**Aceito em 13 de dezembro de 2020.**

**Christopher Smith Bignardi Neves, Marcelo Chemin, Luis Ernesto Brambatti**